

CRÍTICA LITERÁRIA II

MAIS OU MENOS MARIAS: ALGUNS COMPORTAMENTOS FEMININOS EXALTADOS EM *OS LUSÍADAS*

Eloísa Porto Corrêa (UERJ/ UFRJ)
eloisaporto@globocom.com e portoeloisa@hotmail.com

Os comportamentos das figuras femininas históricas do épico de Luís de Camões, *Os Lusíadas*, são tanto mais exaltados, na narração do Gama, quanto mais se aproximam do comportamento de Maria, mãe de Jesus, modelo máximo de perfeição feminina cristã, paradigma de comportamento para a mulher, segundo o Cristianismo.

Dentro desse padrão, enquanto às figuras masculinas do épico cabia, como função social mais prestigiada, o serviço pela pátria e pelo Catolicismo na empreitada marítima portuguesa; às figuras femininas de prestígio no épico cabiam as funções de filha, mãe, esposa, dona-de-casa e católica, fiéis, pacatas e submissas, não devendo integrar, portanto, o universo trabalhista formal, desempenhando papéis subalternos aos masculinos e sem pretensão econômica.

O maior ou o menor distanciamento que a mulher presente em relação ao pilar feminino católico determinará se o julgamento do Gama – representante da sociedade ficcional do épico – será mais ou menos favorável a esta ou àquela figura feminina.

Vênus, que aparece na narração do Poeta, é o avesso de Maria, um antimodelo com o qual se identificam alguns comportamentos execrados nas personagens femininas humanas da obra, ainda que ela própria e as outras entidades mitológicas femininas não sejam julgadas ou execradas pelos narradores, até porque a trama que integram os deuses não é do conhecimento dos personagens humanos, nem dos narradores Gama e Paulo, os dois a quem o Poeta, narrador central do épico, dá voz.

O Poeta, quem narra os episódios mitológicos, não condena o comportamento despojado, sensual e nem as dissimulações e fingimentos de Vênus e das ninfas, provavelmente por não fazerem parte do universo cristão, terreno e humano, e também porque auxiliam os portugueses na Expansão Marítima compreendida na obra.

Enveredar pelos caminhos da ficção é sempre uma aventura desejável, prazerosa e apaixonante, porém de certo modo presunçosa, transitória e arriscada, como qualquer aventura crítica, ainda mais em se tratando de mares já tão navegados, como são os do épico de Camões, sobre o qual foram produzidos incontáveis títulos críticos, por variadíssimos caminhos investigativos, durante séculos e gerações de leituras encantadas, atentas e minuciosas. Por outro lado, toda essa grandiosa fortuna crítica legada por gerações e séculos de leitura a *Os Lusíadas* nunca será capaz de esgotar por completo as possibilidades de entrada crítica nessa obra tão encantadora, vasta, complexa e desafiadora, que se abre sempre a novas possibilidades de mergulho num mar fundo inquietante e convidativo de questões portuguesas problematizadas, não apenas do tempo das caravelas, mas também de um modo de ser português que não se encerra naquele tempo, e mesmo de questões complexas, atemporais e universais do ser humano ou da humanidade.

O trabalho consistirá numa análise comparativa entre as figuras femininas históricas que integram a narração feita, entre os cantos III e V, a pedido do Rei de Melinde, pelo “valeroso Capitão” Gama, que “conta diligente”, “da terra” sua, “o clima e a região”, “do mundo onde mora”, “da antiga geração / e o princípio do Reino tão potente, / Cos sucessos das guerras do começo”, “que são de preço” e “dos rodeios” no “Mar irado, / Vendo os contumes bárbaros, alheios” (Camões, 1975, II: 109-110).

O paradigma de comportamento feminino adotado durante a análise será o da mãe de Jesus, modelo de conduta feminina para os povos ocidentais cristãos, sobretudo em Portugal, nação europeia sempre fervorosa em seu Catolicismo, principalmente naquela época de Inquisição. A bíblica Maria certamente pautou os comportamentos das mulheres portuguesas desde as primeiras dinastias portuguesas, sempre cristãs, ainda mais num épico concebido durante o século XVI, submetido à aprovação inquisitorial e escrito para exaltar a Expansão da “Fé e do Imperio”, promovida pelo povo português, grande herói épico coletivo, representado por Gama.

Segundo a socióloga portuguesa Silvana Mota Ribeiro, em seu artigo *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo*, “podem ser identificados dois paradigmas do feminino

CRÍTICA LITERÁRIA II

que, ao longo do tempo, vêm enquadrando a percepção social das mulheres, contribuindo para a criação dos seus modelos de auto-representação”: Maria e Eva, a primeira mulher e a mãe de Cristo, “mulheres centrais na tradição católica que curiosamente possuem características antagônicas”. (Mota-Ribeiro, 2000)

Estes dois paradigmas seriam, para a estudiosa, modelos de representação que as mulheres, “secularmente, tendem a aceitar como naturais e não como histórica e socialmente construídos” pelos cristãos, “fixando imagens, continuamente sujeitas a processos de sedimentação, do que a mulher é (Eva, imperfeita) e do que deveria ser (Maria, perfeita)”, ainda que os comportamentos femininos não possam ser nunca reduzidos a meras consequências de um discurso teológico.

No épico de Camões, o modelo de perfeição feminina também é Maria, mas aquela que poderia ser um antitempo, no lugar da “Eva, a primeira mulher”: Vênus, não é julgada nem condenada pelo Poeta e, muito menos, pelo Gama, já que nem figura na sua narração. Desta forma, o modelo cristão de comportamento feminino, Maria, é reforçado na fala do Gama, enquanto Vênus reina para além do plano terreno, fora das humanas vistas, defendendo os portugueses e não legando-lhes nenhum pecado original, ousada e curiosamente. Sem falar na Ilha dos Amores, onde ninfas e outras entidades mitológicas femininas, “que Vênus industriou para a sedução dos nautas” (Berardinelli, 2000, p. 118-119), são o galardão dos vitoriosos expansionistas, levando o leitor à famosa pergunta, ressaltada pela professora Cleonice Berardinelli, como o censor inquisitorial “manteve isso?”.

A Bíblia, livro basilar e balizador das religiões cristãs – segundo seus escritores ou profetas, inspirado por Deus, Criador do homem e da terra –, cita Maria, como a virgem mãe de Jesus Cristo, filho de Deus e Messias por Ele enviado. Pouco tempo antes da data do casamento com José, um emissário de Deus, o anjo Gabriel, teria aparecido para Maria, anunciando que, por um milagre de Deus, ela seria a mãe do Messias, ao que se submeteu e conformou, mesmo sabendo que poderia sofrer com isso:

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. (Mateus 1:18)

No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. (...) Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. (...) Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela. (Lucas 1:26-38)

Sempre disposta a sacrificar-se pelos outros, cumpriu a vontade de Deus, acompanhou o Filho durante o Calvário, permanecendo com Ele junto da Cruz, sofrendo sempre resignadamente.

Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador. (Lucas 1:46-47)

E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. (João 19:25)

Submissa, abnegada e penitente, Maria viveu para Deus, para a religião, para o filho, para os outros, não para si:

Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. (João 2:3-5)

Maria se demonstra, quase sempre, mansa, pacífica, passiva, introspectiva, meditativa, calada, ouvindo mais do que falando, pedindo sempre mais pelos outros do que por si mesma:

Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração. (Lucas 2:19)

Sua forma de resistência é, quase sempre, a oração a Deus, para que Ele interceda e aja por ela:

Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele. (Atos 1:14)

A ação de Maria é, quase sempre, forma de penitência para si e de levar consolação e alento ao outro, cumprindo, em ambos os casos, a vontade de Deus (e do Filho), que é a sua vontade: “seja feita a Vossa Vontade”.

CRÍTICA LITERÁRIA II

A mãe de Jesus é a mulher ideal porque abdica de sua porção humana e carnal, porque divina e idealizada na Bíblia, representando sofrimento contido, pobreza, abnegação, caridade, dedicação ao próximo, passividade, submissão à figura masculina (Deus, marido, filho...), fervor religioso, conformação, assexualidade, afetividade...

Maria é exatamente o que se espera da mulher lusíada, que abra mão de sua porção carnal em prol da espiritualidade, da maternidade, da família. Ela deve retirar-se da ação e da vida, existindo apenas para servir a Deus e ao próximo: pai, marido, filhos... Por isso deve ser casta, religiosa, submissa, penitente, caridosa, abnegada, transcendente. Da mulher espera-se, pois, que abdique das características que fazem dela humana: sexo, orgulho, vaidade, ambição, indignação...

Nos *Lusíadas*, as mulheres que mais se aproximaram do comportamento da mãe de Jesus são as mais louvadas: cristãs fervorosas, abnegadas, penitentes, boas esposas, boas filhas e mães dedicadas. Conseqüentemente, as mulheres do Restelo, Leonor Sepúlveda e D. Felipa são as mais exaltadas, seguidas da Formosíssima Maria.

Entre aquelas que foram amantes, destaca-se Inês de Castro que, por sua fidelidade ao príncipe, seu “puro amor”, sua delicadeza, sua preocupação maternal com os filhos, seu sofrimento, expiação e “morte crua”, acaba defendida no épico e escapa à execração.

Entretando, Teresa (que é vista de maneira mais positiva em *Mensagem*, de Fernando Pessoa, no século XX) e, ainda mais, Leonor são severamente condenadas em *Os Lusíadas*, pelo narrador Vasco da Gama, por causa de seus comportamentos discrepantes ao padrão cristão. Ambas colocaram a coroa e a soberania portuguesa em risco, por causa da sede de poder e de bens, sem falar no fato de não ter a primeira abdicado em favor do filho (motivo de ter sido chamada “Ó Progne crua, ó mágica Medéia” no épico) e o fato de a segunda, Leonor Teles (comparada a Cleópatra e a “um vulto de Medusa”), ter abandonado o marido para viver com o Rei Fernando, contrariando a vontade do povo e burlando as leis católicas (“pecado / De tirar Lianor a seu marido”), fato que rendeu a ela o ódio popular.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As personagens femininas serão mais ou menos exaltadas também em função do serviço prestado à Pátria Portuguesa, ao Rei, à Igreja Católica, entre outros fatores:

Vênus	maior distanciamento do padrão cristão
Tethys Ninfas (e Thetis) Leonor Teresa Inês	Amantes
Maria Felipa Leonor Sepúlveda Mulheres do Restelo	Esposas
Virgem Maria	maior aproximação do padrão cristão

Por ora, as figuras femininas mais exaltadas e os comportamentos que mais se aproximam de Maria darão matéria a este trabalho, ficando as figuras femininas mitológicas (não julgadas pelo Poeta), as figuras femininas execradas e os comportamentos que mais se distanciam do modelo feminino cristão para outra oportunidade.

As esposas que não foram maculadas pela infidelidade conjugal ou pela concupiscência, só por isso já se aproximam mais do padrão cristão, de Maria, tonando-se assim mais exaltadas.

Inês de Castro, ainda que não tenha sido esposa de fato, mas concubina (“a mísera e mesquinha / Que depois de ser morta foi rainha”), é idealizada. Ela se localiza numa fronteira, distante em alguns aspectos do padrão feminino católico, por isso a um passo da execração pública; mas, uma vez martirizada, obtém a absolvição, a compaixão e até a adoração popular. Por um lado, foi amante de um homem casado e protagonista de uma paixão sensual, que poderia ter representado uma ameaça à estabilidade do reino. Por outro lado, essa ameaça não se concretizou e ela se purificou através da humilhação, do sofrimento incomensurável e de uma morte extremamente cruel e precoce.

A defesa de *Inês*, no épico, inicia-se quando o narrador Vasco da Gama ressaltada a pureza, a passividade e abnegação da menina

CRÍTICA LITERÁRIA II

que submeteu-se à paixão do príncipe (um líder do Reino), serviu-lhe e foi fiel a ele (e ao reino):

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saídos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria. (Camões, 1975, III, 120-121)

Servindo e obedecendo ao príncipe, a ele mantendo-se fiel, mantinha-se fiel ao (seu) amor e ao seu reino também.

A fragilidade de Inês, mulher e indefesa, temendo pela sorte de seus filhos, digna de piedade e carente de proteção (de cavaleiros que juraram em sua sagração defender damas e crianças), em oposição à fortaleza e covardia dos “horríficos algozes” que a assassinaram e do “povo com falsas e ferozes / Razões” clamando por sua execução, são pontos importantes relatados pelo narrador Vasco da Gama, que também vão colaborando para a absolvição final dessa mãe zelosa, que se sacrifica pela família no épico:

Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra ùa fraca dama delicada?
(...)
E depois nos mininos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
(...)
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

Tais contra Inês os brutos matadores,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos
No futuro castigo não cuidadosos. (Camões, 1975, III, 123-132)

Os argumentos a favor de Inês, relatados pelo Narrador Gama e pela própria Inês, entre as estâncias 126 e 129, do canto III, mostram que ela foi boa mãe, comportou-se como esposa exemplar (mesmo sendo concubina), foi submissa, sincera, leal, fiel, abnegada, conformada e martirizada (“Bem como paciente e mansa ovelha”). Além disso, foi tornada esposa e Rainha, após a morte de D. Afonso, pelo próprio D. Pedro – pai de seus filhos e único amado –, como prova de amor, como forma de reconhecimento do seu alto valor, como tentativa de reparação do mal que lhe foi causado, como acerto de contas com a Igreja, com Deus e com a lei dos homens, para que ela fosse livrada de todas as máculas e castigos. Sem falar que Pedro puniu exemplarmente os algozes (“No futuro castigo não cuidadosos”). Com isso, foi reconhecida pela Igreja e pelo Reino, aclamada como rainha pelo povo, tornando-se cultuada, famosa por seu drama e, enfim, absolvida.

Desta maneira, a personagem se liberta da porção carnal pecadora, redimindo-se totalmente pela penitência, pelas providências do rei e pela aclamação popular, pronta para ganhar uma aura divina e uma existência mítica. Por tudo isso, o Narrador Gama a defende e absolve, ressaltando então sua porção Maria, idealizada e divinizada, que foi capaz de neutralizar qualquer vício.

Dentre as esposas exaltadas na narração do Vasco: as mulheres do Restelo, Leonor Sepúlveda, D. Felipa e a *Formosíssima Maria*, esta última é a menos idealizada, a que menos se aproxima do paradigma cristão da Maria, sem contudo identificar-se, em nenhum momento, com os traços daquelas esposas e mães que são execradas: Teresa e Leonor Teles.

A Formosíssima Maria é focalizada em sua juventude e extrema beleza, apresenta relativa independência, não se encontra relacionada à maternidade no épico, e também não demonstra traços de sofrimento, muito menos de martírio que a pudessem aproximar mais

CRÍTICA LITERÁRIA II

do modelo cristão feminino, ainda que demonstre lealdade e submissão à vontade do marido, “o Rei sublime Castelhana”, respeito e admiração pelo pai, o Rei de Portugal, a quem vai pedir ajuda, entre outras características positivas:

E, vendo o Rei sublime Castelhana
A força inexpugnável, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido ùa vez, que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

Entrava a fermosíssima Maria
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E os seus olhos em lágrimas banhados;
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha: (Camões, 1975, III:101-102)

Como a Vênus que, no Canto II, tenta convencer o pai, Júpiter, a proteger os portugueses contra as armadilhas de Baco, usando sedução, argumentos apelativos e chantagem emocional “Sendo tu tanto contra o meu desejo, / Por ele a ti rogando, choro e bramo, / E contra a minha dita, enfim, pelejo” (Camões, 1975, II, 40), Maria também capricha na argumentação, no gestual e até faz alguma chantagem emocional, para conseguir que o pai lhe realize um favor, organizando uma fala triste e exagerando algumas partes, para comover e melhor convencer o pai:

– Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se viu
Despois que o salso mar a terra banha
Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos medo e a mortos faz espanto!

Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;
Viúva e triste e posta em vida escura,

Sem marido, sem Reino e sem ventura.

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledado,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres. (Camões, 1975, III:103-105)

A semelhança entre esta cena passada entre a Formosíssima Maria e o pai e aquela passada entre Vênus e Júpiter é observada mesmo pelo Gama, em sua função de narrador do épico: “Não de outra sorte a tímida Maria / Falando está que a triste Vênus, quando / A Júpiter, seu pai, favor pedia”.

Além da beleza e do vigor da juventude, há, sobretudo, o denego com que se dirige ao pai que, assim como Júpiter, também cede aos encantos da filha (“Que a tanta piedade o comovia / Que, caído das mãos o raio infando, / Tudo o clemente Padre lhe concede, Pesando-lhe do pouco que lhe pede.” Camões, 1975, III:106), enviando imediatamente tropas para auxiliar o genro:

Mas já cos esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
(...)
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E sòmente co gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela. (Camões, 1975, III:107-108)

Entretanto, o Gama também ressalta as distinções entre a Vênus e a Maria. Diferentemente da deusa, Maria mostra-se recatada, tímida e gentil, não lançando mão de ardis, nem de sensualidade.

Além disso, ao contrário de Teresa e Leonor, causadoras de discórdia em Portugal e/ou de guerras entre Portugal e Castela (S. Mamede e Aljubarrota), Maria é reconciliadora, procurando unir o pai e o marido, e as nações irmãs castelhana e portuguesa, legislando também pela causa cristã: “Juntos os dous Afonsos, finalmente / (...) Que co braço dos Seus Cristo peleja.” (Camões, 1975, III:109).

CRÍTICA LITERÁRIA II

Dona *Felipa*, além de formosa, gentil, companheira e recatada, como a Formosíssima Maria, apresenta muitas outras características que aproximam-na da Virgem Maria, como uma devoção extremada e a sua exemplaridade como esposa, mãe, educadora e rainha. Sem falar na paz interna em Portugal e entre as nações irmãs (Portugal e Castela), que trouxe seu casamento com o Mestre de Avis, D. João I de Portugal, e o de sua irmã com o rei de Castela:

Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
As duas Ilustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, ínclitas princesas.

Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da pátria, por fazer que o Africano
Conheça, pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

A paz vinda com a rainha Felipa trouxe também prosperidade e a possibilidade de iniciar as viagens marítimas, evangelizando e propagando a fé cristã, ganhando fama, vencendo guerras e proporcionando experiência tão necessária à futura descoberta do caminho marítimo para as índias, entre outras conquistas portuguesas.

Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.

Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas, pera defensão dos Lusitanos,
Deixou Quem o levou, quem governasse

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínculta geração, altos Infantes. (Camões, 1975, IV, 47-50)

A inglesa teve, inclusive, seu esforço, severidade e dedicação coroados com uma prole de figuras ilustres, que conduziram Portugal a um período de longa prosperidade e empreendedorismo rumo à Expansão.

Dona Felipa só não se aproxima mais da Virgem Maria, porque, como a Formosíssima Maria, não penitenciou nem sofreu martírios.

Sob o aspecto da penitência, ninguém está mais perto da mãe de Jesus do que Dona *Leonor Sepúlveda*. No épico, ela sofreu toda sorte de penitências, desde a fome, a sede, o relento e a nudez do seu próprio corpo, tortura muito grande para uma cristã fervorosa. Sofreu muito mais do que o apenas o seu próprio definhamento rumo a sua morte, presenciando o lento e torturante definhamento e morte dos seus filhos, sem nada poder fazer para evitar-lhes o penar; sofrimento muito semelhante ao de Maria, assistindo impotente ao martírio de Jesus:

Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nacidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos,
Despois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na fêrvida, implacável espessura.
Ali, despois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,

CRÍTICA LITERÁRIA II

Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão. (Camões, 1975, V, 46-48)

Casta, devota e pudorada, fiel, leal, boa mãe, excelente esposa, amorosa, companheira, tanto que segue o marido em seu trabalho, penitente, martirizada, são algumas das características detectadas em Leonor, que aproximam-na da Maria, paradigma feminino cristão.

Entretanto, de família nobre, Leonor teve uma vida confortável e feliz até o momento da expiação, inclusive tendo a possibilidade de se aventurar na Expansão ao lado do marido, regalos esses negados à grande maioria das mulheres portuguesas humildes, às quais só restou a miséria e uma infinita e dolorosa espera, como atesta o próprio épico.

Desta forma, as mulheres que mais se assemelham à mãe de Jesus são as *anônimas do Restelo*: mães, filhas, irmãs, esposas, que se despedem de seus entes queridos, sem saber que destino os aguarda. Sofredoras imobilizadas pelas circunstâncias, pelo anonimato, pela simplicidade, pela miséria e pela humildade. Mulheres que se sacrificam involuntariamente pela Expansão, pela religião, pela nação, por Portugal. Mães que perdem seus filhos sacrificados pelo “bem comum”, assim como Maria viu Jesus morrer para salvar a Humanidade. Também como a Santa, essas mulheres estão atadas, imóveis diante dos sacrifícios dos filhos, só lhes restando chorar, lamentar, sofrer, esperar...

A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saúdosos na vista e descontentes
E nós, co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres cum choro piadoso
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Qual vai dizendo: – «Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?»

Qual em cabelo: – «Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar airoso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?»

Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piadosa humanidade,
Os velhos e os mininos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quási movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (Camões, 1975, IV, 88-93)

A mulher do Restelo representa todo o sofrimento da figura feminina portuguesa e até do povo português, subjacente à glória expansionista lusíada; todo o martírio, a miséria, as privações, as perdas, enfim o alto preço que os humildes precisaram pagar para que o Portugal do épico – ou alguns Reis e nobres – sonhasse com o Quinto Império. Sofrimento, aliás, muito bem ressaltado, depois, por Cesário Verde no seu “Sentimento dum Ocidental”, em diálogo franco com *Os Lusíadas*, mostrando “as varinas” portuguesas a sustentarem sozinhas não apenas suas casas e “os filhos que depois naufr-

CRÍTICA LITERÁRIA II

gam nas tormentas”, como também a nação, carregando com “seus troncos varonis” o peso da evasão masculina mar a fora.

Assim, na narração que Vasco da Gama faz ao Rei de Melinde, nOs *Lusíadas*, observa-se por um lado a exaltação dos comportamentos (e das figuras femininas) condizentes com os da exemplar Virgem Maria bíblica, mãe de Jesus. Com isso, valoriza-se e louva-se mais aquela que mais se aproxima do ideal feminino cristão, demonstrando postura submissa (à religião, ao marido, ao filho, ao Rei, ao destino...), inofensiva, conformada, casta, abnegada, martirizada, presa ao mundo espiritual, disposta a penar no plano carnal e a dedicar-se exclusivamente à família e à religião, etc. Aliás, essa postura mostra-se bastante conveniente aos ideais expansionistas de evasão masculina para as conquistas ultramarinas.

A presença de figuras femininas mais ou menos transgressoras no épico, mais ou menos distantes do padrão cristão aponta para o fato de que as fôrmas e modelos sócio-culturais e/ou religiosos não agem da mesma maneira nem com a mesma intensidade sobre todas as personagens. A presença dessas figuras ousadas revela também que a transformação (a inovação e/ou algum progresso) sempre se processa, perturbando ainda que lentamente a ordem estabelecida ou mantida através de paradigmas e instituições.

O fato de Vasco da Gama em sua narração, louvar essas figuras que se aproximam do paradigma cristão e deslouvar os comportamentos que dele se distanciam, também não significa que a obra simplesmente reproduza a ideologia dominante. Aliás, pelo contrário, na narração do Poeta, diferentemente do que ocorre na narração do Gama, figuras femininas com comportamentos muito mais ousados do que quaisquer das figuras femininas históricas, como a Vênus e as ninfas, transgridem o padrão cristão e não são diretamente condenadas (ou punidas) por isso, até porque não fazem parte do universo cristão. Assim, o épico genial de Camões se mostra sempre bastante dialético, inovador e muito menos convencional do que se poderia esperar de uma obra que passou pelo fulminante olhar inquisitorial.

BIBLIOGRAFIA:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Camões: Épica e Lírica*. São Paulo: Scipione, s/d., 92 p.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. Anais do IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de abril, 2000.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. 2^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: a idade da fábula – histórias de deuses e heróis*. 15^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. [Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos] Porto: Porto Editora, 1975.

SANTOS, Gilda; SILVEIRA, Jorge Fernandes da & CERDEIRA, Tereza Cristina. *Cleonice, clara em sua geração*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CONVERGÊNCIA Lusíada: revista cultural do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Ano IV – nº 7, Rio de Janeiro: Imprinta, 1979.

MICHELLI, Regina Silva. *Vênus e Marte, Eros e Psique: o sinuoso caminho dos laços da paixão e do amor na Literatura Portuguesa*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. Anais do IV Congresso Português de Sociologia. Universidade de Coimbra, 17-19 de Abril, 2000.

QUESADO, José Clécio Basílio. *Labirintos de um “Livro à Beira-Mágoa”* (Análise de Mensagem de Fernando Pessoa). Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Entre linhas desvendando textos portugueses*. Rio de Janeiro: Ática, 1984.

SARAIVA, Antônio José. *Luís de Camões*. Estudo e Antologia. 2^a ed. Publicações Europa-América, 1959.

CRÍTICA LITERÁRIA II

SARAIVA, Antônio José & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 15^a ed. Porto: Porto Editora, 1989.

VERDE, Cesário. Sentimento dum ocidental. **In:** —. *O livro de Cesário*. Porto: Paisagem, 1982.